TÍTULO: **EMPREGO/DESEMPREGO E REDES DE SOCIABILIDADE**

EJE TEMÁTICO: INTERVENCION PROFISSIONAL

SUB EJE TEMÁTICO: PROCESSOS DE INCLUSIÓN/ EXCLUSIÓN: ESTRATÉGIAS DE INTERVENCIÓN DEL TRABAJADOR SOCIAL, EXPERIENCIAS SISTEMATIZADAS, PRODUCCIÓN DE NUEVOS CONOCIMENTOS
TIPO DE TRABAJO: RESULTADO DE INVESTIGACIÓN

SOCIABILIDADE

O termo sociabilidade é mais utilizado no plano formal, e ainda assim seu uso é pouco corrente. Seu significado está associado à natureza essencial do ser humano, que é viver em sociedade, ou seja, sendo um ser social, em sua vida existe sempre o desejo de estar integrado com outros seres humanos. Então, relacionar-se é um aspecto inerente aos indivíduos, o que leva a sociabilidade, definida por Baechler como a "capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular gostos paixões, opiniões, etc." (1996). Trata-se de uma troca permanente baseada sobretudo na comunicação.

Ora, se pressupomos a existência da vida social, temos que destacar a comunicação e a linguagem. O comportamento das pessoas é produto de sua história e das suas experiências acumuladas principalmente através da comunicação.

Não foi identificado ainda até que ponto os seres humanos são influenciados ou influenciadores do mundo que os cerca. Sabemos, no entanto, que é através da socialização que se adquire a identidade, através das influências recebidas, através dos fatos corriqueiros, cotidianos da vida que se processam a partir dos contatos sociais e que também levam a integração dos indivíduos.

Temos, então, a socialização primária, vivenciada na infância e principal responsável pela inserção do indivíduo na sociedade. Esta se realiza através das pessoas que estão bem próximas – pais, parentes, vizinhos, etc. – que no dizer da

psicosociologia são os outros significativos, estes deixam impressa sua visão de mundo, sua cultura.

Este processo se dá de forma espontânea e nele se realizam os primeiros contatos e também a sociabilidade, que designa as redes através das quais os laços, mais ou menos sólidos e exclusivos que são estabelecidos espontaneamente pelos indivíduos. Estes nascem do simples fato de que cada indivíduo mantém relacionamentos com outros indivíduos.

Assim sendo, a rede de sociabilidade primária, entendida aqui como "sistema de regras que ligam diretamente os membros de um grupo a partir de seu pertencimento familiar, da vizinhança etc. que tecem redes de interdependência sem a mediação de instituições específicas"(Castel, 1997), se forma em torno da pessoa e une os indivíduos.

As relações humanas, porém não se limitam a esses contatos, conforme há o desenvolvimento natural dos seres humanos, físico/mental/psicológico, encontram-se pessoas novas e através novamente da comunicação formam-se novos laços, diferentes daqueles formados anteriormente. A Socialização secundária, então, ocorre quando o sujeito entra em contato com os mais variados setores da sociedade, e realiza-se durante toda a vida. Esta se diferencia da anterior principalmente porque não requer alto grau de identificação, e sim o reconhecimento das posições que cada um ocupa na sociedade. O convívio, entre os sujeitos se realiza nas escolas, no trabalho, nos clubes, nas associações, nas igrejas, etc. Aí, a sociabilidade se faz mais presente e pressupõe-se que deva haver interesses comuns, especialização das atividades, e pelos exemplos nota-se a forte presença das instituições.

As características principais da sociabilidade podem ser assim relacionadas:

- Quanto a integração: vai desde a comunhão ao simples relacionamento comunitário;
- quanto a durabilidade: forte envolvimento com formação de redes sólidas e duradouras ou renovação frequente, devido a incorporação de novas e

diferentes pessoas com as quais entra-se em contato diariamente e desta forma cria-se novos laços e amplia-se a rede de sociabilidade;

- quanto forma de pensamento: pela integração das formas de pensamento ou por oposição, isto é, pessoas que possuem idéias completamente diferentes/opostas, mas que encontram nesta oposição uma forma de interação;

Um ponto a ser destacado, é que a sociabilidade pode ocorrer de forma passiva, na qual a simples presença é fator societário. Esta, porém, só se realiza plenamente se com o decorrer do tempo a comunicação for estabelecida.

A sociabilidade existe para ligar os seres humanos pelo seu todo, através de fatos simples da vida cotidiana. Visto que informações circulam, esta apresenta certa organização, e faz com que normas/regras sejam compartilhadas e aceitas, o que leva a um entrosamento de ações, desejos e exigências. Pela sociabilidade existe a integração de pessoas distintas, que conseguem conviver socialmente. Assim, podemos dizer que esta se estabelece através de formas/jogos de associação, e é a classe mais pura da interação.

Um primeiro passo para haver a interação é estar aberto para coisas novas, com a mente livre, sem objetivos pré-determinados e sem segundas intenções, contudo mantendo sempre sua personalidade, para através dos relacionamentos poder aprender e ensinar.

Nem sempre as relações humanas são positivas, porque tem-se relações associativas que aproximam as pessoas, as relações dissociativas, no entanto, são danosas, pois aumentam as distâncias entre indivíduos e grupos, conduzindo até a segregação ou apartação.

EMPREGO/DESEMPREGO E SOCIABILIDADE

O trabalho tem para o ser humano no final do século XX, um significado diferente e novo daquele vivenciado nas décadas anteriores, principalmente as de 50 e 60 na América Latina, época de grande crescimento industrial. Vive-se momentos de modificações nas relações entre capital e trabalho. Estamos na era

da globalização, onde blocos econômicos exigem a abertura de fronteiras e comércio baseado na livre concorrência, sem as antigas proteções do mercado interno. Vê-se, também, um grande avanço tecnológico, onde uma máquina é capaz de realizar o trabalho de vários seres humanos, com maior rapidez e qualidade. As relações trabalhistas estão mudadas pois a maioria dos serviços estão sendo terceirizados, o que acarreta uma mudança profunda nas formas de relacionamento entre funcionários e suas firmas.

Com esse quadro que se apresenta, muitos analistas, como Paul Singer (1996) sugerem que o desemprego é o grande mal deste final de século, e que soluções devem ser encontradas para amenizar seus efeitos.

Quem hoje está incluído na população economicamente ativa cresceu vendo seus pais engajados ou procurando, de todas as formas, assegurar um emprego até a aposentadoria. Aprendeu, também, que para ser uma pessoa socialmente aceita é preciso possuir um emprego estável, numa boa firma e desta forma ter o "futuro garantido". Outro ponto importante é que viveu, participando de festas e encontros com os colegas de empresa dos pais, reconhecendo neles os amigos da família.

Com isso, conhecemos que todo o nosso sistema social, está baseado no binômio capital x trabalho, em outras palavras, existe uma diversidade de sujeitos que vendem sua força de trabalho para o dono de capital em troca de salário, e que interrelacionam-se mutuamente, no espaço geográfico da empresa na qual executam suas tarefas e que possuem todo um sistema próprio de símbolos culturalmente estruturados e compartilhados.

Desta forma, estar empregado, para a sociedade na qual estamos inseridos, ainda é um dos fatores que levam a inserção e ao reconhecimento social, pois o emprego é um ponto de referência para a vida quotidiana por vários motivos. Em primeiro lugar é um dos meios de subsistência (sobrevivência), além de servir para ordenar a vida, criar e manter redes de sociabilidade, onde "as amizades formadas no ambiente de trabalho são um fator importante na satisfação dos indivíduos"(Macedo, 1996), pois "apesar de não ser a única via de inserção, o papel profissional parece ser o principal caminho para a maior parte das pessoas"

(Idem). A sociabilidade implica, neste caso, numa solidariedade que se manifesta em vários momentos dentro e fora do trabalho. É por dedicar várias horas do dia na empresa, que os compromissos e toda a vida cotidiana se orientam pelos horários do trabalho. É por estar dia a dia com as mesmas pessoas que torna-se possível criar laços de amizade e de relações societárias importantes para a vida da maioria das pessoas.

Quem possui um emprego estável, provavelmente, tem garantido a inserção em redes sólidas de sociabilidade e conseqüentemente de inserção social. Entretanto, há poucos que no momento atual possuem tal emprego.

Com a chegada do desemprego e a precarização do mercado de trabalho há uma quebra dos laços societários. Os desempregados diante da nova realidade que vivenciam, perdem uma das principais vias de manutenção das redes de sociabilidade, seus relacionamentos vão sendo dificultados, pois não há uma convivência próxima, cotidiana com as mesma pessoas. O distanciamento do local de trabalho pode ter como conseqüência maior a separação das pessoas, podendo chegar-se ao isolamento.

METODOLOGIA

A Região Metropolitana do Recife, vem sofrendo as mesmas situações acima citadas e seus efeitos podem levar os indivíduos e grupos dessa localidade ao afastamento do centro da sociedade, fazendo-os vítimas de processos de exclusão social, e pondo em "xeque" todo um sistema de interrelações, que anteriormente eram proporcionadas pelo emprego formal e duradouro.

Para o conhecimento e análise dos processos de exclusão vivenciados pelos trabalhadores aptos mas sem trabalho da Região Metropolitana do Recife (RMR), utilizamos inicialmente procedimentos metodológicos quantitativos. Procedeu-se, então, a identificação dos desempregados que procuram o SINE/PE (Sistema Nacional de Emprego), via aplicação de 259 questionários com a presença do pesquisador, visando uma amostra significativa da realidade local. Para tanto utilizamos critérios como ter sido empregado, fragilização e manutenção da rede de sociabilidade.

RESULTADOS

Uma vez desempregado o trabalhador apto ou não, não somente terá dificuldades de inserir-se no mercado de trabalho local mas sofrerá, passará por outros/determinados processos de exclusão social. A exclusão da sociabilidade, a fragilização das relações societárias que se constituirão em outros tantos fatores de permanência no estado de exclusão, conformando um círculo vicioso de exclusões que é necessário ser rompido. Uma das formas de se romper com tal círculo é conseguir, reencontrar um novo emprego.

Estar empregado na RMR é um dos fatores que levam à inserção e reconhecimento sociais, e não é somente importante na realização pessoal do indivíduo "homo faber", na formação de sua identidade mas no desempenho do seu papel profissional "homo profissionalis - socialis" .

A **sociabilidade** implica, portanto, em maior solidariedade que se manifesta em vários momentos e dentro ou fora dos locais de trabalho. **É através dos amigos, parentes, ex-colegas de trabalho, de profissão/ocupação, etc, que a reinserção ao emprego é facilitada**, particularmente pela indicação de postos de trabalho e/ou para postos que apareçam. Essa política sócio-informacional de solidariedade, **a rede de sociabilidade ainda se constitui**, nos anos 90, na RMR, **numa das fontes de recrutamento dos empresários/empresas**.

O estudo das transformações ocorridas na rede de sociabilidade dos desempregados aptos mas excluídos do mercado de trabalho é não somente importante mas da modernidade e atual visto que a exclusão se refere ao enfraquecimento ou quebra dos vínculos sociais, comunitários e individuais e, conhecer esta realidade, os fatos dessa realidade é a melhor forma e, ou maneira de pensar e fundamentar medidas de combate às causas e políticas de prevenção das conseqüências dos processos de exclusão social - do trabalho e da vida social - que tanto dificultam a reinserção dos trabalhadores aptos capacitados para o trabalho e para a sociedade.

Ainda que insuficientes os dados obtidos acerca da rede de sociabilidade podemos verificar na Tabela 25 como ficaram as relações societárias entre os

desempregados e seus parentes e entre os mesmos desempregados e os seus amigos. Para 38,61% e 40,92% suas relações societárias não mudaram, permaneceram como antes, tanto em relação aos parentes como em relação aos amigos, respectivamente. Embora esse dado seja significativo e o seja mais ainda quando a ele adicionamos os 13,51% que responderam que "nada mudou" e que "sempre ajudam", mais importante é o fato de 47,88% apontar para a mudança, seja ela mínima, média ou máxima.

Tabela 25: Desempregados da RMR**:** a rede de sociabilidade.

amigos/parentes Categorias	**PARENTES**	**%**	**AMIGOS**	**%**
Mudou por causa do dinheiro	14	5,40	13	5,02
Não mudou mas há conbrança	08	3,08	01	0,39
Indiferença	04	1,55	07	2,70
Nunca teve bom relacionameto com ambos/ nada mudou	07	2,70	15	5,79
Discriminação	09	3,47	08	3,08
Não mudou e sempre ajudam	35	13,51	21	8,11
Piorou o relacionamento	07	2,70	06	2,32
Afastamento por parte do desempregado	04	1,55	07	2,70
Não tem muito contato	-	-	04	1,55
Sente que é humilhado	03	1,16	02	0,77
Afastaram-se depois do desemprego	04	1,55	17	6,56
Sente muita cobrança	24	9,27	03	1,16
Os verdadeiros amigos não mudaram	-	-	02	0,77
A família não sabe que está desempregado	02	0,77	-	-
Mudou pouca coisa	05	1,93	07	2,70
Mudou de cidade	01	0,39	04	1,55
Melhorou pois recebe ajuda	07	2,70	07	2,70
O culpam pelo desemprego	01	0,39	01	0,39
Não recebe ajuda	01	0,39	01	0,39
Sente-se constrangido	01	0,39	01	0,39
Não houve mudança	100	38,61	106	40,92
Não responderam a questão	02	0,77	02	0,77
Brancos	20	7,72	24	9,27
Total	259	100	259	100

Fonte: Questionários aplicados junto aos usuários do SINE-PE Nov/Dez 97.

Temos que levar em consideração que tais resultados foram obtidos via questionário e que este não é um instrumento dos mais apropriados para detectarmos mudanças.

Mas, as razões indicadas na tabela 25 seja junto aos parentes ou amigos sinalizam para outras direções, **"mudou por causa do dinheiro,** (5,40% e 5,02%), sente **muita cobrança** (9,27% e 1,16%) sendo esta mais presente no

grupo familiar, inclusive porque 0,77% omitiu tal informação da família, inexistindo tal omissão junto aos amigos, de quem parecem ter mais confiança, outros indicam o **afastamento tanto da família como dos amigos depois que perderam o emprego** (1,55% e 8,11%) ainda, **sente humilhação** (1,16% e 0,77%). 2,70% e 2,32% **sofreram piora no relacionamento tanto do núcleo familiar como dos amigos,** além de **indiferença** (1,55% e 2,70%) e **nunca tiveram um bom relacionamento** (2,70% e 5,79%) ou **sofreram discriminação** 3,47% e 3,08%.

Tabela 26: Redes de sociabilidade; forma de contato, sem contato e motivo.

Contato/forma	absoluto	%	Sem contato/motivo	absoluto	%
Telefone	15	5,79	distância	11	4,25
Visita Domiciliar	07	2,70	Mudou endereço	05	1,93
Casualmente	24	9,26	pouco sociável	05	1,93
Encontros sociais	14	5,41	Afastamento dos amigos	07	2,70
Visitas a empresa	13	5,02	Não procura os amigos	10	3,86
Contato com poucos	27	10,42	trabalha só	01	0,39
Apenas sim	53	20,46	Colegas de Faculdade	01	0,39
Brancos	19	7,34	apenas não	47	18,15
Total	172	66,40	total	87	33,60
Total	**259**				**100%**

Fonte: Questionários aplicados junto aos usuários do SINE/PE Mai/ jun, Nov/ dez 1997.

Dados e fatos que sinalizam esgarçamento e/ou fragilização da rede de sociabilidade daqueles que encontram-se desempregados, sendo a falta não só do trabalho, mas do dinheiro/salário a principal das causas.

Ao serem questionados sobre se mantém ou não alguma forma de contato com os amigos, ex-colegas de trabalho, etc. e o motivo, obtivemos (tabela 26) as seguintes respostas: As relações com os amigos,eles mantém (5,79%) pelo **telefone**, portanto a comunicação dá-se de forma impessoal e,ou indireta, além de mantê-la **casualmente** (9,26 %), ou em alguns encontros sociais (5,41%).

Alguns (7,72%) visitam os amigos e/ou a empresa, mas 30,88% têm poucos contatos. No total, 66,40%, apesar de desempregados procuram alimentar sua rede de sociabilidade, apesar das dificuldades. Os que responderam negativamente à manutenção dos vínculos pessoais, sociais e comunitários foram 33,60% dos entrevistados que fragilizaram-se socialmente em decorrência da distância, mudança de endereço, ser pouco sociável ou pelo afastamento e/ou não procurar amigos etc. Enquanto esperam por um trabalho/emprego desenvolvem atividades microssociais que não se situam na esfera propriamente da economia capitalista mas da auto-ajuda.

CONCLUSÃO

As dificuldades encontradas a partir do desemprego começam pelo distanciamento físico, passando pelas dificuldades financeiras e chegando até ao esgarçamento e ao isolamento. Há, porém, aqueles que apesar disto tudo ainda conseguem manter ou melhorar suas relações societárias.

Enquanto o emprego não vêm é preciso continuar "trocando", criando laços, participando de sua própria humanidade. O que para o trabalhador somente será possível através dos contatos mais ou menos pessoais e direto com os amigos, família, ex-colegas de trabalho/profissão/ocupação, que constituem a rede de sociabilidade e fonte de recrutamento do trabalho.

BIBLIOGRAFIA

SILVA, Benedicto. **Dicionário de Ciências Sociais -** Benedicto Silva, coordenador. Editora da Fundação Getíluo Vargas - RJ - 1986.

BIROU, Alain. **Dicionário de Ciências Sociais -** Publicações Dom Quixote - Lisboa - 1982 - 5ª ed.

Dicionário de Sociologia Globo - Editora Globo - Porto Alegre/ Rio de Janeiro - 1981 - 8ª ed. atualizada.

SINGER, Paul. Desemprego e Exclusão Social. **São Paulo em Perspectiva** - Revista da Fundação SEADE. vol.10 - nº01 Jan/Mar 96.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica.** Ed. Vozes - Petrópolis, 1980, 5ª ed.

MACEDO, Lucinda M. da Rocha. **Desemprego e suas relações com a identidade - depoimentos.** Mestrado: Psicologia Social, Pontífice Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade, **IN: Tratado de Sociologia**, sob a direção de Raymond Boudon. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995, cap. 02.

BARROS, Paula. **Lecturas sobre la exclusión sociale**. cap. 01.

CASTEL, Robert. Da indigência a exclusão, a desfiliação. **Saúde e Loucura**, Grupos e coletivos. Ed. HUCITEC, nº04.